



41

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2010

do senhorio, dado que, após a saída dos monges, as granjas passaram para a mão de um punhado de notáveis locais, permanecendo a pequena lavoura popular asfixiada por pesados encargos e exigências tributárias impeditivas do investimento em melhorias técnicas e consequentes ganhos de produtividade. Este livro inclui, assim, abundante evidência empírica para a compreensão dos constrangimentos da agricultura portuguesa nos séculos XIX e XX.

A história rural é um campo historiográfico que vem a renascer progressivamente das cinzas para onde foi atirada por algumas modas historiográficas de sucesso mais fácil. Este renascimento acompanha a afirmação de uma consciência crítica sobre as práticas agrícolas predadoras dos recursos ambientais e inimigas de um planeta sustentável.

António Maduro consolida nesta obra uma faceta que obras anteriores já tinham revelado: o domínio de um manancial prodigioso de saberes relativos ao funcionamento holístico do mundo rural e uma especial aptidão para compreender a vida agrária. Por este motivo, esta obra merece ser lida, reflectida e, na medida do possível, replicada para outros espaços.

Margarida Sobral Neto

Universidade de Coimbra

mneto@fl.uc.pt

Maria do Rosário Castiço de Campos, *A Lousã no século XVIII. Redes de Sociabilidade e de Poder*, Coimbra, Palimage, 2010, 402 pp.

O livro que aqui se apresenta, intitulado *A Lousã no século XVIII. Redes de Sociabilidade e de Poder*, resulta da tese de doutoramento de Maria do Rosário Castiço de Campos, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2003.

O prefácio da autoria de Joaquim Ramos de Carvalho e Margarida Sobral Neto, de certo modo antecipa esta apresentação, chamando a atenção para a qualidade do estudo, salientando, nesse exercício, os principais aspectos do livro, dos quais destacamos a metodologia inovadora, que consideramos o grande mérito da obra. Como refere a autora na introdução, este trabalho assenta numa “base de dados relacional e na aplicação das premissas subjacente à metodologia de análise de redes, a network analysis” inserida na perspectiva da micro-história. Esta metodologia foi imprescindível para o cruzamento das informações oriundas de fontes de natureza diversa, nomeadamente: registos paroquiais, Habilitações do Santo Ofício, Leitura de Bacharéis, Chancelaria

régia, Habilitações da Ordem de Cristo, “arrolamentos”, entre outras, o que permitiu à autora reconstituir as redes de relações e esclarecer mecanismos sociais, de outro modo obscurecidos.

O objectivo fundamental do livro foi o estudo da relação que uma comunidade do Antigo Regime, a Lousã do século XVIII, estabeleceu com a fábrica de papel aí implantada nos inícios de setecentos.

Tendo em conta o objectivo principal, o livro está estruturado em quatro partes. A primeira parte, intitulada “A Lousã no século XVIII”, debruça-se especificamente sobre a comunidade, através da análise dos elementos essenciais que a compõem, mormente: o espaço, a população, os recursos e os poderes externos.

A segunda parte intitula-se “A Fábrica de Papel no século XVIII”, onde a autora aborda o problema dos condicionalismos favoráveis à instalação da fábrica bem como o processo de produção do papel. De seguida, dá-nos a conhecer a história da fábrica, revelando o processo da sua fundação, as pessoas encarregadas da sua administração e laboração, realçando a utilização da mão-de-obra qualificada estrangeira, bem como a integração desses indivíduos na comunidade lousanense. Destaca ainda os momentos-chaves da manufatura: o sucesso, a crise e o seu desfecho. Por fim, analisa as “directrizes da Coroa” relativamente ao empreendimento manufactureiro, no contexto da política régia em relação ao sector industrial.

Na terceira parte, a autora, centrou a sua análise em duas instituições-símbolos do poder e com grande importância a nível local – a Câmara e a Misericórdia. Aqui, procurou dar conta dos principais “rostos” representativos desses poderes, evidenciando os indivíduos que desempenharam cargos quer na Câmara quer na Misericórdia. Num primeiro momento, aborda a questão do processo das eleições da Câmara em dois períodos distintos: a época em que a Lousã esteve sob a jurisdição da Casa de Aveiro e a fase posterior à integração da Lousã na Coroa. Com particular enfoque sobre este último período, incide particularmente sobre o processo eleitoral, identificando as irregularidades, a eleição dos Vereadores e do Procurador, bem como os interesses subjacentes ao exercício do poder. No segundo momento, aborda a estrutura organizacional da Misericórdia, sublinhando o papel que a mesma desempenhou localmente, sobretudo como veículo de integração social. A Misericórdia da Lousã admitiu como confrades indivíduos estrangeiros ligados à fábrica, contrariamente ao sucedido na Câmara, que não os inseriu.

Por fim, na quarta parte, dedicada aos percursos sociais, a autora através de uma abordagem micro-histórica, traçou os percursos das famílias que, de alguma forma, tiveram ligações com a fábrica de papel. A abrir, apresenta o percurso da família Arnaut Salazar Sarmiento, que se distinguiu pelo desempenho

de funções ao serviço da Coroa, através do qual adquiriu uma posição social elevada. A família com poder económico e com ligações à fábrica não investe neste ramo; privilegia a compra de terras e o empréstimos a juros. Segue-se a análise do trajecto da família Magalhães Mexia, que no seu percurso adoptou estratégias variadas para melhor se posicionar localmente. Destacam-se as “estratégias matrimoniais, estratégias de poder e da procura de reforço social da elite”. Importa salientar que, embora esta família não invista na fábrica estabelece relações com a mesma. Na sua aposta de investimento privilegia a terra. Posteriormente é dado realce ao percurso das famílias Paiva Pinto e Arnao de Almeida Serra, evidenciando as relações que ambas estabeleceram com a fábrica de acordo com as estratégias dos seus membros. Apesar das relações que as duas famílias estabeleceram com a fábrica, esta não fez parte das suas estratégias de acrescentamento patrimonial. Neste sentido, se justifica o investimento na terra. Por fim, aborda-se o percurso da família Caneva da Silva, sublinhando as estratégias de ascensão social levadas a cabo e as suas ligações com a fábrica. Neste caso específico, a aliança matrimonial foi a via determinante para a mudança de estatuto social dos membros da família Caneva da Silva. Por outro lado, ainda que a fábrica tenha sido propiciadora dos seus recursos, a família não se interessa pelo investimento na manufactura.

A análise dos percursos das diferentes famílias permite entender as razões que levaram a aristocracia local a não investir na fábrica de papel.

O cruzamento de informações relativas à história da fábrica e da comunidade lousanense durante o século XVIII, em geral, e o cruzamento da história das elites locais e da fábrica, em particular, é outro ponto forte deste estudo, uma vez que possibilitou uma abordagem mais aprofundada dos factos.

Sendo assim, estamos perante um livro de reconhecido mérito. A conjugação de fontes de índole variada e a sua adaptação aos diferentes cenários confere grande qualidade à obra. Neste sentido, trata-se de um importante contributo tanto para o conhecimento da história de uma localidade, demonstrando-se, numa perspectiva mais abrangente, as potencialidades de uma metodologia que permite o cruzamento denso de fontes históricas. Em conformidade com o atrás exposto, recomenda-se vivamente a leitura desta obra.

Matilde Santos

Doutoranda em História Moderna da FLUC